

SOUSA GALITO, Maria (2011). Verdade (I). *CI-CPRI*, AO, N.º 16, pp. 1-4.

AO: Artigo de Opinião



### *A Verdade (I)*

- *Diz-me a Verdade e eu acreditarei.*
- *A verdade? Qual verdade?*

Filosoficamente, entende-se por *Verdade* um valor que qualifica um juízo que se encarrega de afirmar que é. Portanto, algo será verdadeiro, se a qualidade se encontra no objecto e falso, em caso contrário.

Entre os seres humanos, a verdade tem sobretudo efeitos ao nível do pensamento. Para que o pensamento possa conceber o que *uma coisa é*, precisa relacionar-se com o *ser das coisas* que, por sua vez, é inteligível.

Ou seja, ao mesmo tempo que as pessoas comunicam entre si factos, coisas e acontecimentos, estabelece-se uma relação entre inteligência, ser e palavra. A verdade pode ser *real*, se há conformidade entre o pensamento e o objecto exterior. Ou *formal*, na conformidade do pensamento consigo próprio.

Podemos falar em *verdade moral* quando há uma consonância entre o que pensamos e o que dizemos. Num sentido amplo, a pessoa está a ser *sincera* se verdadeira ao comunicar com terceiros.

Entramos, portanto, no âmbito da palavra e da comunicação, as quais possuem um valor instrumental. Facilitam a cooperação.

A comunicação e a cooperação são qualidades sociais. Mas a *veracidade*, enquanto virtude moral, concilia-se com a circunspecção e a prudência, que não obriga a que se partilhe tudo com os demais.

A *verdade ontológica*, ou verdade dos seres, manifesta-se quando a realidade se conforma com a inteligência. Corresponde ao entendimento ontológico aristotélico-escolástico, em que a verdade é uma propriedade transcendental do ser. Uma atitude é verdadeira quando está conforme à sua própria ideia.

A *verdade lógica* é talvez a acepção mais comum da palavra. Quando a verdade está na razão (no *logos*). Para que a inteligência reconheça o ser das coisas é preciso que estas sejam perceptíveis. Depois conforma-se com a realidade, identificando características do objecto; ainda que não necessariamente todas, pois o conhecimento humano não é perfeito.

Mas a verdade está apenas no juízo. As ideias consideradas como simples representações da essência, não são verdadeiras nem falsas, pois não afirmam nem negam; podem, quando muito, ser uma representação adequada ou inadequada da realidade.

A verdade está formalmente no juízo, por este ser o acto mais perfeito do entendimento, consistindo na afirmação positiva ou negativa de uma síntese de dois conceitos. Para Aristóteles, nem toda a relação de conceitos constitui por si só um juízo. A falsidade lógica pode ser compatível com a verdade moral, se houver consonância entre o que se diz e se pensa mas não com o que a coisa é.

Perante a verdade, o ser humano – no dia-a-dia, ou ao longo da vida – viverá um estado de ignorância, dúvida, opinião ou certeza. Em *ignorância* o pensamento mais parece alguém perdido no deserto, sem pontos de referência, incapaz de distinguir uma miragem do oásis, ou de sair da sua situação presente.

Tal ignorância será vencível se o sujeito fizer por isso, ou insuperável se ele não puder alterar o *status quo*. Morrerá de culpas se for sua obrigação ultrapassar as dificuldades. Ou não, se o que lhe pedem estiver acima das suas faculdades humanas.

A ignorância é diferente de falhar um julgamento de valor. Se *o que é* sempre o será de um ponto de vista ontológico, para errar é preciso julgar, logo, o *erro* surge quando o sujeito aquiesce perante o objectivamente falso, por lhe parecer verdadeiro.

**Ou seja, a ignorância é a limitação da verdade, enquanto o erro é a negação da verdade.** O sujeito julga saber mas equivoca-se.

A *dúvida* assemelha-se à ignorância se o pensamento não aquiesce à verdade, convencido de não ter motivos para afirmar ou negar (dúvida negativa). Pelo contrário, já percorre um caminho ascendente se o pensamento pondera sins e nãoos, embora numa instabilidade que não exclui o medo de errar.

A *dúvida metódica*, tão usada pelos cientistas, põe em causa, temporariamente, uma qualquer verdade tida como certa, na tentativa de testar a sua autenticidade; supõe-se um método construtivo – na medida em que se recusam *verdades com pés de barro*.

A *dúvida céptica*, já definitiva, entra num círculo vicioso para nunca mais sair, concluindo impossível corroborar verdades que mais não sejam que espontâneas e inexactas.

A *opinião* emite enfim um juízo de valor – toma partido por uma ou outra posição. Em xeque, todavia, ainda vacila; porque o pensamento defende aquilo que talvez possamos chamar uma *aproximação* à verdade. Não está seguro de estar certo, mas tem razões para acreditar que esteja – raciocínio baseado numa probabilidade de sucesso, que identifica mais argumentos a favor do que contra.

O importante é compreender o seu estado embrionário, e não tomar por verdade a mera opinião. Quem tem convicções não abraça necessariamente verdades.

A *certeza* presume discernimento seguro, mas é mais subjectiva porque se baseia na demonstração clara da verdade.

A evidência enquanto transparência com que a verdade se apresenta ao nosso juízo, é mais objectiva. Regra geral, é admitida como supremo critério de verdade. Mas há outros critérios, entre os quais a *fé* (como a única referência no fideísmo), a *acção* (para os pragmáticos) ou o *senso comum*.

A certeza pode ainda ser *ética* (sob os ditames de uma lei moral), *física* (rege-se por leis da natureza; admite menos excepções que a certeza moral e o contrário só é possível a Deus) ou *metafísica* (baseia-se na essência das coisas, que é imutável, pelo que o contrário é impossível).

Entretanto, a certeza pode ser *natural* (o conhecimento que se tem é suficiente para ser perceptível, mas pouco explícito. Neste contexto, as palavras de Virgílio Ferreira fazem sentido: «A verdade primeiro ama-se, depois demonstra-se».

Ou *científica* (conhecimento explícito). Ou ainda *necessária* (a vontade não precisa intervir, por a certeza ser de tal forma evidente) ou *livre* (o juízo precisa ser motivado pela vontade, para aderir com certeza àquela verdade).

Mas qual verdade? Sócrates argumenta a favor da verdade universal. Nietzsche, pelo contrário, rebela-se contra o que considera uma insensatez, considerando que não há factos eternos, tanto quanto não há verdades absolutas». Nas palavras de Pablo Picasso: «Se apenas houvesse uma única verdade, não poderiam pintar-se cem telas sobre o mesmo tema». Mas será que sim?

Na matriz intelectualista, a verdade é a base do consenso e o homem é *causa sui* na medida em que visa conhecer o bem mas que é livre de o levar à prática, pelo que o pluralismo é possível se o entendermos, não como uma verdade plural, mas nas suas múltiplas formas de ser traduzida.

No que concerne à matriz voluntarista, o homem é *causa sui* ao escolher o seu caminho. A verdade varia consoante a pessoa e o consenso é que é a base da verdade.

Para o relativismo sofista, o homem é a medida de todas as coisas. Não há verdade universal mas uma diversidade de opiniões. Sem verdade absoluta, a palavra ganha relevo – agora como instrumento de persuasão e manipulação de quem a ouve. A palavra e a força.

Trasímaco, na “República” de Platão, evoca a *lei do mais forte*, capaz de impor a sua vontade; como quem encolhe os ombros, com um sorriso malicioso: *dos fracos não reza a História*.

Para Sócrates, a verdade é possível e alcançável, desde que se faça por isso. Importa investir no conhecimento de nós próprios, não apenas num esforço introspectivo, mas porque somos humanos. Pois, distinguimo-nos dos animais quando aspiramos ao conhecimento da verdade.

O próprio Cirilo de Alexandria defende a redescoberta da verdade no eu: «Toda a nossa vida é uma primavera, porque temos em nós a verdade que não envelhece, e essa verdade anima toda a nossa caminhada».

Para Aristóteles, os homens desejam por natureza saber, pois são seres racionais. O homem define-se na sua relação com a verdade e as coisas possuem tanto de verdade quanto de ser. Pois **ser é verdade**.

O que desperta duas evidências difíceis de suportar ao longo da vida mas indispensáveis na construção do nosso ser em sociedade. Primeiro, a vontade de acreditar em algo, não é prova da sua existência. Segundo, a verdade não fere quem a diz, mas pode ferir quem a ouve, razão pela qual não existe amor sem verdade, mas a verdade também pode ser revelada sem amor.

Enquanto há vida há obstáculos, mas estes são oportunidades para evoluir positivamente em nome de uma verdade mais íntima. Admitir um erro pode ser a janela indispensável para algo melhor.

Portanto, mais vale **uma verdade dura que ilumina o caminho em sabedoria e experiência, do que mentiras arrastadas que bloqueiam uma pessoa de sentir, de viver e de sonhar**.

Os fortes não deixam de ter medo de ver, mas não tapam os ouvidos e a boca para a verdade. E seguem por caminhos alternativos, quando os antes desejados deixaram de estar disponíveis.

O ser humano é social, logo precisa aprender a conviver em harmonia. Quem tem estômago para admitir a opinião dos outros, tem coragem para libertar as suas próprias convicções sobre a vida. Opiniões não são necessariamente verdades, mas a partilha das mesmas permite a conjugação de esforços em prol de uma sociedade mais justa, mais humana, mais verdadeira.